

## **A IMPORTÂNCIA DA FAUNA BRASILEIRA NAS COMPOSIÇÕES LETRADAS DO GÊNERO MUSICAL FORRÓ**

**Aline Alves Ferreira Lima**  
alineaf@gmail.com

**Polyanna Aparecida Fernandes Bispo**  
fernandes.poly23@gmail.com

**Gisela da Cruz Nascimento**  
giseladacruz@gmail.com

**Iranildes Silva Melo Neto**  
Iranildesneto@gmail.com

**Maxwell Souza de Almeida Nascimento**  
maxwellsouzaiurd@gmail.com

**Luan Kamilo Pereira de Carvalho**  
luanskate1122@bol.com.br

**Michael Dias Nascimento**  
michaeldias9.1@hotmail.com

**Resumo:** O presente estudo teve como objetivo analisar a importância da fauna brasileira na cultura popular através de composições musicais letradas do gênero musical forró. A base documental da pesquisa foi constituída por letras de canções coletadas em plataformas virtuais. A partir das letras selecionadas, foi constituída uma planilha que serviu de ferramenta para quantificar aspectos inerentes à taxonomia, classificação de risco de extinção, importância ecológica e socioeconômica, além do contexto no qual os animais foram citados músicas. Dentre as classes de animais citados, prevaleceram as aves e mamíferos. Na classificação de risco de extinção, o maior quantitativo de animais foi enquadrado nas categorias pouco preocupante e não aplicável. Em relação à importância ecológica foram citados aspectos relacionados à participação nas teias alimentares, dispersão de sementes e polinização. Na seara socioeconômica, prevaleceram usos associados à alimentação e entretenimento. Por fim, na análise dos contextos em que os animais foram citados nas canções, foram preponderantes as abordagens metafóricas e de personificação.

**Palavras-Chave:** etnozoologia, forró, fauna brasileira.

## **INTRODUÇÃO**

A relação homem-natureza é constituída a partir de um convívio diário das populações humanas com o ambiente natural. O ser humano tem a capacidade de externar esta vivência através de manifestações artísticas, como por exemplo, a produção de canções.

A evolução biológica e cultural do homem envolve sua relação com o ambiente natural e os animais que nele vivem. Os animais silvestres e domesticados fazem parte da vida dos seres humanos em diversos aspectos, sejam eles alimentares, medicinais, religiosos, entretenimento, entre outros (Albuquerque e Medeiros, 2013). A etnozoologia é uma subárea da etnobiologia voltada para o conhecimento e uso dos animais por populações tradicionais. Assim, os estudos acadêmicos na área da etnozoologia podem contribuir para o entendimento de impactos antropológicos sobre espécies animais, além de contribuir para construção de planos de manejo ambiental relacionados a essas espécies (Alves e Souto, 2015).

A Região Nordeste do Brasil é conhecida pelas suas belezas naturais e grande riqueza

cultural. Dentre os elementos culturais presentes na região, destaca-se o gênero musical forró. Existem duas teorias para a origem do forró. A primeira afirma que a palavra forró seria derivada do termo africano “*forrobodó*”, que significa arrasta-pé, farrá. A segunda diz que a palavra forró seria derivada do termo inglês “*for all*”, fazendo correlação com bailes promovidos em Pernambuco por ingleses que construíam a ferrovia Great Western. Há ainda associações entre o forró e a dança indígena toré, ressaltando ainda mais a relação do gênero musical com as raízes étnicas brasileiras (Ferreira, 1999).

Independente das origens, o forró é um patrimônio cultural dos brasileiros, em especial dos nordestinos, de maneira que as composições letradas deste gênero musical dizem muito acerca da percepção do sertanejo sobre o ambiente que o cerca, incluindo a importância da fauna local dentro da perspectiva etnozoológica. No Brasil, são escassos os trabalhos que utilizem composições musicais como ferramenta de análise etnográfica, fazendo-se mister a realização que estudos iniciais que possam subsidiar o aprofundamento acadêmico e metodológico dentro dessa seara de pesquisa.

Diante do contexto supracitado, o presente estudo teve como objetivo analisar a importância da fauna brasileira na cultura popular através de composições musicais letradas do gênero musical forró. (Para isso, foi necessário: a) Quantificar os animais citados nas canções, assim como suas famílias, classes e ordens taxonômicas; b) Enquadrar os animais de acordo com a classificação de risco proposta pela IUCN, verificando se os mesmos estão presentes no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção; c) Traçar um perfil sobre a importância ecológica, social e econômica dos animais citados nas canções; d) Categorizar as formas de apropriação ou uso dos animais citados nas canções de acordo com o contexto em que

foram apresentados nas letras das canções.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

A seleção das letras das músicas utilizadas como base documental deste estudo foi realizada a partir de plataformas virtuais, tais como “letras.com”, “cifraclub”, “vagalumes”, “forroemvinil”, “gonzagãonline”, entre outros. Na busca, foram selecionadas músicas de forró pé-de-serra, universitário e eletrônico que contivessem em suas letras nomes populares de animais. Ao todo, foram analisadas 82 canções.

Após a seleção das letras, foi construída uma planilha de modo que fossem organizadas as seguintes informações: título da canção e sua autoria; nome popular do animal citado e pistas das características taxonômicas (família, classe e ordem); local de ocorrência do animal (biogeografia); presença do animal ou sua família taxonômica no Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, bem como sua classificação de risco de acordo com a IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza); importância ecológica e socioeconômica do animal; trecho da letra em que o animal foi citado; e contexto em que o animal foi citado na letra da canção. Cada citação de animal foi considerada como uma entrada de dados, portanto, nas letras que apresentaram mais de um tipo de animal, cada um deles foi contabilizado separadamente.

A IUCN propõe as seguintes categorias para definir o grau de risco de extinção das espécies: Extintas (Extinta-EX, Extinta na natureza- EW, Regionalmente extinta- RE); Ameaçadas (Criticamente em perigo-CR, Em perigo- EN, Vulnerável-VU); Não ameaçadas (Quase ameaçadas-NT, Menos preocupante-LC, Dados insuficientes-DD, Não aplicável-NA); Não avaliada- NE (ICMBio, 2018). Para quantificar a classificação de risco, foi realizada a busca do nome popular dos animais citados nas canções no Livro Vermelho, sendo

observado em quais categorias aquele tipo de animal estava representado.

Em relação à importância ecológica e socio-econômica, foi permitido atribuir mais de uma classificação a cada animal citado, caso houvesse respaldo na literatura pertinente ao assunto.

No que se refere ao contexto em que os animais foram citados nas canções, a categorização foi realizada a posteriori, ou seja, a busca não foi guiada por categorias estabelecidas previamente.

Os dados coletados foram tabulados com o auxílio do software Microsoft Excel. Os resultados foram apresentados na forma de gráficos, tabelas, quadros e textos descritivos, sendo discutidos de acordo com a literatura científica pertinente.

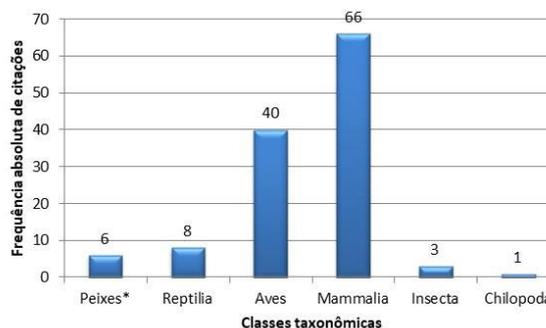
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As 82 letras de canções de forró analisadas trouxeram 47 nomenclaturas de animais em 124 citações ou entradas de dados. A tabela 1 traz os animais mencionados e a frequência absoluta das citações, além das pistas taxonômicas relacionadas à família, classe e ordem. Fala-se em pistas taxonômicas porque em pesquisas etnológicas trabalha-se frequentemente com nomes populares e não científicos. Portanto, cabe ao pesquisador fazer a intermediação entre a linguagem coloquial do informante e a nomenclatura científica. Nesse estudo, a figura do informante está atrelada aos autores das letras utilizadas como base documental da pesquisa. Assim, através dos nomes populares citados nas letras, foram traçados os possíveis itinerários taxonômicos dos animais.

Nas situações em que os nomes populares estavam atrelados a mais de uma família taxonômica, foi elencada a mais preponderante ou que abrigava o maior número de espécies. É o exemplo da nomenclatura popular “sabiá”, que está associada às famílias *Turdidae*, *Mimidae*, *Fringilidae* e *Cotengidae*. Das famílias citadas, a que está relacionada às

aves com canto bastante evoluído, conhecidas como os verdadeiros sabiás, pertencem à família *Turdidae*, sendo essa a associação feita na tabela 1. O termo sabiá deriva da língua tupi e significa “aquele que reza muito”, em alusão ao rico repertório vocal destes pássaros (Straube e Seripierri, 2007). Nas situações em que os termos utilizados foram demasiadamente genéricos a exemplo de “peixe” e “pássaro”, foi utilizada a nomenclatura “diversos” para referir-se aos níveis taxonômicos ordem e família.

A figura 1 traz a distribuição das classes de animais citadas e sua respectiva frequência absoluta. Foram citados animais pertencentes a seis diferentes classes taxonômicas, sendo quatro de organismos vertebrados (peixes, répteis, aves e mamíferos) e duas de organismos invertebrados (insetos e quilópodes).



**Figura 1-** Distribuição das classes taxonômicas dos animais citados nas letras de forró.

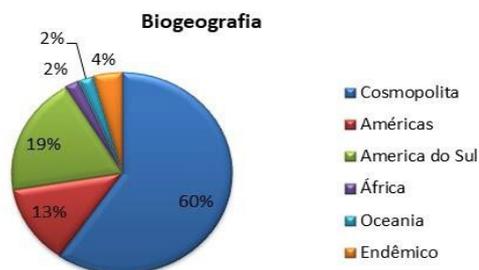
**Fonte:** Dados da pesquisa (2019)

Cabe ressaltar que na verdade o termo “Peixes” refere-se a uma superclasse, ou seja, está um grau taxonômico acima das classes. O uso do referido termo nas ilustrações tem a finalidade de facilitar o entendimento do leitor, visto que se trata de uma nomenclatura amplamente conhecida. Além do prefixo “super” usado para designar um grau acima, existe o prefixo “infra” para designar um grau taxonômico abaixo. Essas subdivisões taxonômicas são utilizadas para diferenciar características específicas dentro dos grandes grupos. Dentro da superclasse Peixes existem as

seguintes classes: a) Agnatha, representando os peixes sem mandíbula, a exemplo das lampreias; b) Placodermi, que representam os peixes mandibulados com escamas ou placas ósseas revestindo o corpo, a exemplo dos artrodiras; c) Chondrichthyes, representando os peixes mandibulados cartilagosos, a exemplo dos tubarões e raias; d) Acanthodii, representando os mandibulados com corpo hidrodinâmico, a exemplo dos acantódios; e) Osteichthyes, representando peixes mandibulados ósseos, predominantes na atualidade, a exemplo do atum, dourado, robalo, entre outros (Hildebrand e Goslow, 2006). Nesse estudo, houve citações de peixes pertencentes à classe Osteichthyes (carapeba e piaba) e Chondrichthyes (tubarão).

Como pode ser observado na figura 1, os mamíferos e aves prevaleceram nas citações. É possível que tal resultado esteja relacionado com o grau de proximidade entre os representantes dessas classes e o cotidiano dos seres humanos. Ao se observar, por exemplo, as searas alimentares, vestuário, transporte, estimação e entretenimento, as duas classes mais citadas estão intimamente relacionadas com a rotina do homem, principalmente do sertanejo nordestino.

A figura 2 traz os resultados referentes à biogeografia dos animais citados, ou seja, a sua distribuição no Planeta Terra.



**Figura 2** - Biogeografia dos animais citados nas letras de forró.

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019)

Nesse estudo, prevaleceram os organismos cosmopolitas (60%). Cosmopolitas são aquelas espécies que estão presentes em todos

os continentes, com exceção da Antártida. Em segundo lugar, ficaram aqueles que se encontram distribuídos no continente sul-americano (19%). O número de espécies endêmicas de alguma região brasileira foi considerado pequeno, correspondendo a somente 4% do total de animais citados. Pode-se entender como endêmico um grupo de organismos cuja distribuição geográfica é considerada restrita. Várias espécies de calango, animal citado neste estudo, são endêmicas da região Nordeste. Os calangos são pequenos lagartos das famílias Teiidae e Tropiduridae, que geralmente vivem no solo ou em pedreiras, se alimentando de artrópodes. O calango-do-abaeté (*Cnemidophorus abaetensis*), por exemplo, é uma espécie endêmica do Brasil. Ocorre no bioma Mata Atlântica no Nordeste do país, na região costeira dos estados da Bahia e Sergipe, restrita às áreas de restinga. Esta espécie é habitat-específica, ocorrendo principalmente nas formações de dunas de moitas abertas (Dias *et al*, 2002). A cobra sucuri, também citada nesse estudo, apresenta quatro espécies, sendo duas delas endêmicas do Brasil. A sucuri-amarela (*Eunectes notaeus*) é endêmica do bioma Pantanal. Já a sucuri-malhada (*Eunectes deschauenseei*) é endêmica da Ilha de Marajó, no Norte do país (McDiarmid *et al*, 1999).

Segundo Figueiró (2015), o endemismo pode ser causado por diversos fatores como barreiras físicas, climáticas e biológicas que delimitem a distribuição de uma espécie ou provoquem a sua separação do grupo original. Quando a separação ocorre por um longo período, o grupo isolado sofre uma seleção natural, desenvolvendo uma diferenciação de outros membros da espécie. O ambiente isolado, por suas características físicas peculiares, seleciona as espécies que lá vivem, permitindo que só se desenvolvam naquele ambiente. Assim, quanto maior for o nível de especificidade do ambiente, maior o grau de endemismo, ou

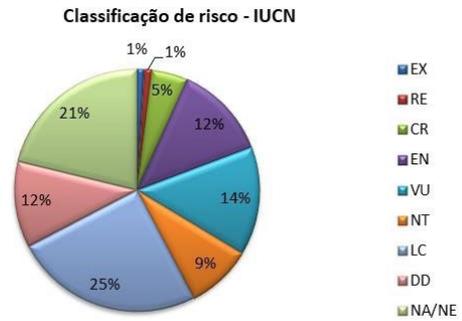
seja, maior o número de espécies endêmicas.

As espécies cosmopolitas têm entre suas características o grande grau de adaptabilidade ao meio, podendo também ser destacada a grande interligação com a espécie humana. O cosmopolitismo inserido pelo homem tem grande destaque, pois este praticamente ocupou todo o território terrestre, levando consigo intencionalmente ou não um grande número de espécies. Entre os animais que fazem parte do cosmopolitismo ligado ao homem destacam-se o rato e a barata que estão presentes em todos os locais em que o homem habita. As espécies consideradas de estimação como, cães e gatos, ou ligadas à alimentação e transporte, como bovinos, aves e equinos também se tornaram cosmopolitas por conta da sua ligação com o homem através dos tempos (Figueiró, 2015).

Outro fator que favorece o cosmopolitismo é a capacidade dos animais em percorrer grandes distâncias, característica de muitas espécies marinhas, já que os oceanos, por estarem interligados, facilitam a migração e a fixação de espécies em diferentes regiões aquáticas. É o que ocorre, por exemplo, com os tubarões. O tubarão azul (*Prionace glauca*) da família Charcharhinidae, é uma das espécies mais cosmopolitas entre os tubarões, ocorrendo em todo o litoral brasileiro (Szpilman, 2004).

As aves migratórias também costumam apresentar ampla distribuição geográfica. A pomba asa branca (*Patagioenas picazuro*), uma das aves citadas nesse estudo e imortalizada nas canções de Luiz Gonzaga, é uma espécie migratória, voando grandes distâncias e altitudes.

A figura 3 demonstra os resultados relacionados à classificação de risco, de acordo com os parâmetros propostos pela IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza).



**Figura 3** - Classificação de risco de acordo com a IUCN. EX- extinto; RE- regionalmente extinto; CR -criticamente em perigo; EN –em perigo; VU- vulnerável; NT- quase ameaçado; LC- menos preocupante; DD- dados insuficientes; NA – não aplicável; NE- não avaliada

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019)

A principal fonte de consulta para verificar a classificação de risco dos animais citados na pesquisa foi o Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, publicação do Ministério do Meio Ambiente, fruto de um trabalho realizado entre 2009 e 2014 por milhares de pesquisadores com o objetivo de avaliar o status de conservação da fauna silvestre brasileira.

Como citado anteriormente, o estudo foi pautado nos nomes populares de animais presentes nas letras de músicas do gênero musical forró. Sendo assim, a nomenclatura popular poderia estar associada a várias espécies e suas respectivas famílias taxonômicas. Dentro desse contexto, foi verificado se as famílias associadas aos nomes populares citados nas canções estavam presentes no Livro Vermelho e com qual classificação.

A classificação de risco que prevaleceu no estudo foi LC (least concern ou menos preocupante). Um táxon é considerado menos preocupante quando é avaliado pelos critérios da IUCN e não se enquadra nas categorias de risco. Animais com distribuição ampla e táxons abundantes normalmente são incluídos nesta categoria. Táxons raros e de distribuição restrita também podem ser

classificados como LC, desde que não haja ameaças significativas. Cabe ressaltar que dos 12.254 táxons avaliados no estudo que subsidiou a elaboração do Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, entre vertebrados e invertebrados, 72,2% foram classificados como menos preocupantes (ICMBio, 2018). Entre os animais citados nesse estudo e classificados unicamente na categoria menos preocupante (LC) estão a carapeba, a sucuri, a acauã, o assum preto, a asa branca, a ribaçã, o pitiguari e o periquito.

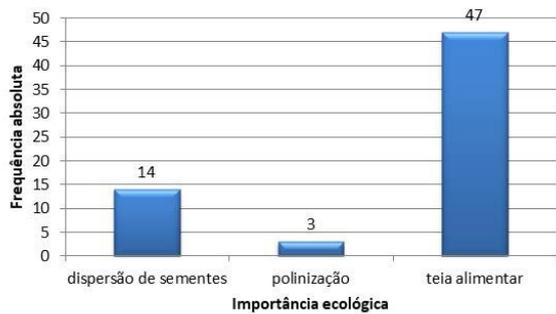
Em segundo lugar, no que concerne classificação de risco estiveram as categorias NA/NE (não aplicável/não avaliada). Esse resultado está relacionado ao fato de um grande quantitativo de citações referir-se a animais domesticados, portanto, não pertencentes à fauna silvestre brasileira. Um animal silvestre é aquele que vive ou nasce em um ecossistema natural, como uma floresta, um rio, um oceano etc. São exemplos desses animais a onça, o tucano, o tubarão, dentre outros. São organismos em geral hostis ou não adaptados à presença humana e que apresentam dificuldade de reprodução em cativeiro. Já os animais domésticos convivem amplamente com os seres humanos, estando adaptados aos ecossistemas artificiais e antropizados. São exemplos de animais domésticos, o cavalo, o gato, o cachorro, a galinha, etc. Além de referir-se a animais não silvestres, o termo NA é utilizado para animais exóticos ou cuja proporção de ocorrência na região é muito pequena (normalmente < 1%) se comparada com a população global (ICMBio, 2018). Alguns animais exóticos foram citados nas letras das canções analisadas, tais como leão e canguru. Animais exóticos são aqueles cujo ciclo de vida natural ocorre fora do território utilizado como referência. Por exemplo, o ciclo de vida natural dos leões ocorre nas savanas africanas, enquanto os

cangurus são típicos da Austrália, portanto, são considerados animais exóticos no Brasil. O termo “não avaliada”, por sua vez, corresponde a espécies que ainda não foram submetidas aos critérios de avaliação de risco.

Dentre as classificações de risco que representam ameaça à fauna, foram citadas na pesquisa as seguintes: criticamente em perigo (CR), em perigo (EN) e vulnerável (VU), com destaque para as duas últimas categorias. A diferença entre tais classificações está relacionada ao grau do risco de extinção do animal da natureza, sendo maior para os criticamente em perigo e menor para os vulneráveis. A espécie de preá *Cavia intermedia*, por exemplo, é classificada como criticamente em perigo. O sabiá-castanho (*Cichlopsis leucogenys Cabanis*) é classificado com em perigo. Já o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) é classificado como vulnerável (ICMBio, 2018). Alguns animais citados nas letras das canções apresentam espécies classificadas como quase ameaças (NT), como por exemplo, o macaco-prego (*Sapajus libidinosus*). Segundo o ICMBio (2018), um táxon é classificado como quase ameaçado quando ao ser avaliado pelos critérios da IUCN, não se classifica atualmente nas categorias ameaças, mas se aproxima dos limiares quantitativos dos critérios, sendo provável que em um futuro próximo possa enquadrar-se como ameaçado.

Animais citados na pesquisa possuem espécies consideradas extintas, a exemplo do tubarão-lagarto (*Schroederichthys bivius*) e tubarão dente-de-agulha (*Carcharhinus isodon*), classificados como extintos regionalmente, e rato-de-noronha (*Noronhomys vespuccii*), enquadrado como extinto globalmente (ICMBio, 2018).

A figura 4 traz os dados referentes à importância ecológica das espécies citadas, sendo elencadas as seguintes: participação nas teias alimentares, polinização e dispersão de sementes.



**Figura 4** - Importância ecológica dos animais citados nas letras de forró.

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019)

Via de regra, todos os organismos participam das teias alimentares. Para entender o conceito de teia, é necessário previamente conhecer o conceito de cadeia alimentar. Segundo Barret e Odum (2006), a cadeia alimentar ou cadeia trófica é a transferência de energia e matéria entre os organismos através das relações alimentares, começando pelos organismos autotróficos, denominados produtores, e passando por vários níveis consumidores. Os organismos produtores são aqueles capazes de sintetizar o seu próprio alimento, a exemplo de plantas, algas unicelulares e alguns tipos de bactérias. Um mesmo organismo pode participar de várias cadeias alimentares, de forma que um conjunto de cadeias alimentares constitui uma teia alimentar ou rede alimentar.

É pertinente ressaltar que a existência das teias alimentares nos ecossistemas naturais ajuda a manter a homeostase ou equilíbrio dinâmico de toda a comunidade biótica. Em outras palavras, o tamanho das diferentes populações que compõem a comunidade é regulado pelas relações tróficas existentes e pelos demais fatores limitantes, o que impede que haja superpopulação de alguma espécie. Em muitos ecossistemas artificiais, ou seja, criados pelo homem, como uma monocultura voltada para um cultivo de exportação, a exemplo da soja, a ausência de diversidade ocasiona o aparecimento das chamadas pragas agrícolas, geralmente associadas a insetos que

se alimentam do cultivo. Sem predadores naturais, esses organismos multiplicam-se rapidamente levando os produtores rurais a fazerem uso de defensivos químicos para manter a produção, trazendo como consequência danos ao ambiente e à saúde das pessoas. As práticas agroecológicas recentes procuram mitigar os danos causados por esse modelo produtivo, resgatando aspectos básicos inerentes aos ecossistemas naturais. Nesse sentido, uma das ferramentas utilizadas é o controle biológico, procedimento no qual são inseridos nas lavouras predadores naturais dos insetos que constituem as pragas agrícolas, como mecanismo natural de controle do tamanho da população. Infelizmente, esse tipo de manejo ainda é pouco utilizado pelos produtores brasileiros, fazendo do país um dos maiores consumidores de defensivos agrícolas do mundo.

Outra função ecológica importante diz respeito à dispersão de sementes, responsável pela colonização de extensas áreas territoriais por diversas espécies vegetais. Vários animais citados nesse estudo exercem essa função, dentre os quais é possível citar o sabiá, a ribaçã, o assum preto, o pitiguari, o macaco, entre outros. Ao se alimentarem de frutos, esse animais acabam favorecendo a quebra da dormência das sementes através de transformações que ocorrem nos seus tratos digestórios. Como são organismos dotados de mobilidade, contribuem para que essas sementes alcancem locais bem distantes das plantas que as produziram.

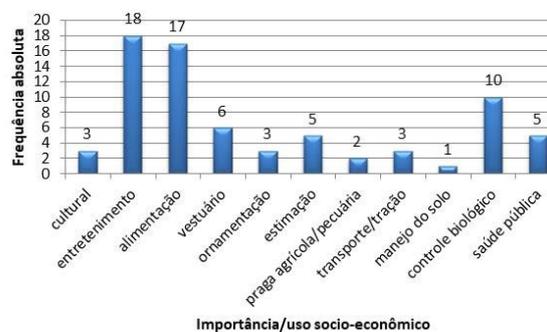
Alguns animais participam de outro processo de dispersão vegetal chamado polinização, que consiste na transferência das células reprodutivas masculinas, através dos grãos de pólen, para as estruturas florais que abrigam as células reprodutivas femininas, promovendo então a fecundação. O processo de polinização natural pode ser mediado por agentes abióticos, como o vento ou a água da chuva e agentes bióticos, como aves e

insetos. A polinização realizada por animais favorece a chamada fecundação cruzada, na qual gametas de uma planta conseguem fecundar gametas presentes em outras plantas. Isso é importante por propiciar a reprodução de espécies dioicas, ou seja, que tem somente flores com estruturas masculinas ou femininas e para diminuir as taxas de autofecundação em plantas com flores hermafroditas (monoicas), aumentando com isso a variabilidade genética e melhorando a adaptação ao meio ambiente.

A estrutura física e sensorial dos animais está intrinsecamente relacionada com a função de polinização exercida por eles. O beija-flor, por exemplo, ave citada nesse estudo, possui bico fino e alongado, além de boa percepção visual de cores, sendo atraído por flores com coloração intensa que produz bastantes néctar, um fluido açucarado que atrai polinizadores por servir de alimento para eles. Nessa odisséia a procura de néctar, os organismos polinizadores vão carregando grãos de pólen que ficaram presos no seu corpo, favorecendo a fecundação dos gametas vegetais. Com as abelhas acontece algo semelhante, sendo os pêlos presentes no seu corpo os principais responsáveis pelo carregamento dos grãos de pólen. Faz-se mister ressaltar que as abelhas são responsáveis pela polinização de quase 75% das espécies vegetais cultivadas no mundo e que pesquisas recentes tem revelado uma redução significativa de suas populações, trazendo grande apreensão entre apicultores, produtores agrícolas e cientistas (Glagianone, 2015). Estudos para desvendar a razão de tal diminuição, tem associado esse fenômeno a alguns fatores tais como: desmatamento e ocupação humana desordenada, favorecendo a perda de habitats para as abelhas; manejo inadequado das colmeias, realizado pelos apicultores; e principalmente, ação de agrotóxicos no período de floração das culturas, causando intoxicação e morte de milhares de organismos adultos durante a busca de néctar e larvas, por contaminação

das colmeias através das operárias (Rosa et al, 2017). No Brasil, vários atos publicados no ano de 2019 pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento tem concedido registros a novos produtos elaborados com agrotóxicos, fato que causa preocupação pelos possíveis impactos ambientais associados a um manejo não adequado desses produtos.

Na figura 5 estão representados os resultados relativos à importância e/ou uso socioeconômico dos animais citados nas canções.



**Figura 5** - Importância/uso socioeconômico dos animais citados nas letras de forró.

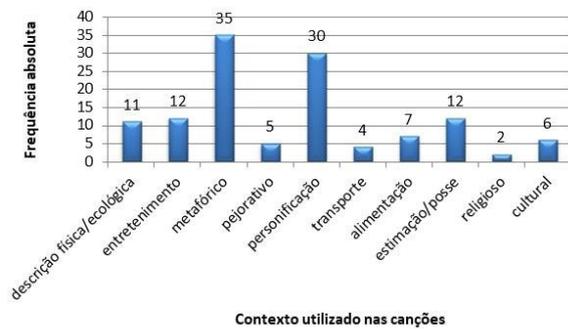
**Fonte:** Dados da pesquisa (2019)

Entre os usos auferidos aos animais citados, prevaleceram os relacionados à alimentação e entretenimento. No âmbito alimentar merecem destaque peixes, como a carapeba; aves, como galinha, pato, peru e codorna; e mamíferos, como boi, porco, bode e carneiro. Além desses, que fazem parte da alimentação rotineira dos seres humanos, é possível citar alguns que fazem parte de costumes gastronômicos locais, sendo muitas vezes fruto de atividades de caça, a exemplo de calangos, preás e tatus. Na seara do entretenimento merecem destaque as aves, como sabiá, periquito, assum preto e papagaio; animais silvestres como leões, macacos e camaleões, que geralmente estão presentes em zoológicos abertos à visita pública; e principalmente no Nordeste, bois e cavalos, que são atores principais nas polêmicas vaquejadas, dividindo opiniões entre os ambientalistas, que consideram

que há maus tratos aos animais durante as competições, e os defensores das vaquejadas não só como entretenimento, mas também como manifestação cultural e atividade que impulsiona a economia local, gerando milhares de empregos diretos e indiretos. Juridicamente, a pendenga ainda não está resolvida, pois o artigo 215, §1º da Constituição Federal, diz que “O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional” (Brasil, 1988). Assim sendo, a proibição da vaquejada poderia contribuir para o enfraquecimento da cultura e tradições nordestinas. Entretanto, a lei magna, em seu artigo 225, §1º, inciso VII diz que incumbe ao poder público “proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade” (Brasil, 1988). No Nordeste, algumas legislações estaduais que visavam regulamentar a prática da vaquejada sofreram ação direta de inconstitucionalidade no Supremo Tribunal Federal, a exemplo a lei cearense nº 15.299/2013.

Ainda no que se refere à importância socioeconômica relacionada aos animais citados nas letras de forró, merecem destaque o controle biológico, já mencionado em parágrafos anteriores como uma prática agroecológica, e a relevância na saúde pública, sendo possível destacar alguns animais como vetores de doenças, a exemplo de baratas e ratos, ou causadores de acidentes com potencial de letalidade, a exemplo dos relacionados às cobras peçonhentas.

A figura 6 traz os contextos nos quais os animais foram citados nas letras das canções de forró analisadas nesse estudo.



**Figura 6** - Contexto em que os animais foram citados nas letras de forró.

**Fonte:** Dados da pesquisa (2019)

A análise dos contextos em que os animais foram citados trouxe uma prevalência das figuras de linguagem metáfora e personificação. A metáfora é uma espécie de comparação implícita, em que o elemento comparativo não aparece. Nesse processo, dois seres ou coisas são comparados por meio de uma qualidade ou característica comum a ambos (Neves, 2018). O quadro 1 traz um exemplo de fragmento de letra em que o contexto metafórico pode ser observado. Na canção “Lobo solitário” de autoria de Joycinha Louise, gravada pela Banda de forró eletrônico Cavaleiros do Forró, o eu lírico metaforicamente se compara a um lobo solitário sem razões para sonhar, como representação de uma situação de desilusão amorosa.

A personificação ou prosopopeia é caracterizada atribuição de ações ou qualidades de seres animados a seres inanimados, ou características humanas a seres não humanos, como os animais (Neves, 2018). Na canção “Mensageiro beija-flor”, o eu lírico pede que um beija-flor vá até a sua amada, que se encontra fisicamente distante, para lhe falar (como se isso fosse possível para um pássaro) das saudades que sente e da necessidade do reencontro do casal. A letra é de autoria de Nanado Alves e foi gravada pelo cantor paraibano Flávio José, conhecido como “Rei do Xote”, mantendo um estilo de forró que se assemelha aos seus influenciadores, Dominginhos e Luiz Gonzaga (Som13, 2019).

Merecem destaque também os contextos

associados à estimação/posse, entretenimento e descrição física/ecológica. A canção “Não vendo nem troco”, de autoria de Luiz Gonzaga e seu filho Gonzaguinha, gravada pelo próprio Rei do Baião, e outros interpretes de forró, como Dominginhos, fala dos sentimentos de apreço e estimação do eu lírico por uma égua, relação bem comum de se observar no sertão nordestino, pela gama de utilidades relacionadas aos equinos na região. Na seara do entretenimento, a canção “Riacho do Navio”, de autoria de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, aborda a relação do sertanejo com alguns animais através das práticas de caça e vaquejada, cuja licitude é juridicamente discutível, conforme abordado em parágrafos anteriores. Já na canção “Paraíba”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, pode-se observar além da descrição física da ave ribaçã, os aspectos ecológicos pelo fato de ser uma ave migratória, que geralmente sai do sertão nordestino nos períodos de estiagem prolongada. A ribaçã, da família Columbidae, também é conhecida como pomba-amargosa e avoante nas regiões Sul e Sudeste do país, já estando adaptada a ecossistemas antropizados, como plantações agrícolas, e até mesmo centros urbanos (Sigrist, 2014).

## CONCLUSÕES

O estudo em questão é pioneiro no Brasil no que se refere ao uso de músicas de forró como instrumento de análise etnozoológica. Como ressaltado nos parágrafos introdutórios, são escassos os trabalhos que utilizam composições musicais em pesquisas etnográficas. Dessa forma, a pesquisa ajuda a subsidiar o aprofundamento acadêmico e metodológico dentro dessa seara.

A pesquisa foi executada de forma multi e interdisciplinar, unindo conhecimentos da biologia (taxonomia, ecologia, biologia da conservação), geografia (biogeografia), língua portuguesa (interpretação de texto),

matemática e informática (tabulação de dados e construção de gráficos e tabelas), antropologia e sociologia (aspectos culturais das sociedades), tendo como linha mestre o forró, que está prestes a se tornar patrimônio imaterial do Brasil através de uma iniciativa do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

No que tange aos objetivos propostos, ficou evidente a prevalência das aves e mamíferos enquanto personagens presentes nas letras das canções de forró, espelhando o processo de domesticação desses animais e confirmando a ideia de que as músicas podem ser utilizadas como instrumento de análise da relação homem-meio ambiente. Na abordagem sobre a classificação de risco, apesar do percentual de animais enquadrados como não aplicáveis/não avaliados, explicado pelo grande número de animais não silvestres citados, e enquadrados como pouco preocupantes, talvez como um reflexo da enorme biodiversidade encontrada no país, não é possível dizer que existe uma situação confortável em relação à conservação da fauna silvestre. Quanto à importância ecológica dos animais citados, fica latente a utilidade destes para a manutenção do equilíbrio dinâmicos das populações e para a distribuição das espécies vegetais, seja por dispersão de sementes ou pela polinização. A análise do uso socioeconômico relevou que a relação do homem com os animais não é restrita à satisfação das necessidades básicas, como alimentação, tendo o entretenimento e suas implicações culturais como aspectos importantes. Por fim, o contexto em que os animais foram citados nas canções revelou em muitas letras uma relação de cumplicidade, afinidade e admiração, quando o eu lírico se coloca sentimentalmente como alguém próximo aos animais, chegando a lhes atribuir características que são próprias dos seres humanos.

Além da riqueza de dados taxonômicos e ecológicos obtidos através da análise canções, o estudo serviu para demonstrar a intrínseca e

multifacetada relação entre os seres humanos e os animais. Em meio de discussões atuais sobre conservação e desenvolvimento sustentável é fundamental estar ciente da relevância da diversidade faunística brasileira dentro do contexto cultural local e de que maneira essas informações podem ser utilizadas trazer benefícios para a comunidade.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; MEDEIROS, P. M. What is evolutionary ethnobiology? **Ethnobiology and Conservation**, p. 1–4, 2013.

ALVES, R. R. DA N.; SOUTO, W. M. S. Ethnozoology: A Brief Introduction. **Ethnobiology and Conservation**, v. 1, n. January, p. 1–13, 2015.

BARRETT, G. W.; ODUM, E. P. Fundamentos de Ecologia.

BRASIL. Constituição Federal. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.

DIAS, E. J. R.; ROCHA, C. F. D.; VRCIBRADIC, D. New Cnemidophorus (Squamata: Teiidae) from Bahia State, Northeastern Brazil. **Copeia**, n. 4, p. 1070–1077, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3 ed. Rev. Amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1999.

FIGUEIRÓ, A. S. **Biogeografia: dinâmicas e transformações da natureza**. São Paulo: Oficina de Textos, 2015.

GAGLIANONE, M. C. **Polinizadores na agricultura: ênfase em abelhas**. Rio de Janeiro: Funbio, 2015.

HILDEBRAND, M.; GOSLOW, G. **Análise da estrutura dos vertebrados**. 2ed. São Paulo: Atheneu, 2006.

ICMBio. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Brasília: ICMBio/ MMA, 2018.

McDIARMID, R. W.; CAMPBELL, J. A.; TOURÉ, T. **Snake Species of the World: A Taxonomic and Geographic Reference**, vol. 1. Washington, DC: Herpetologists' League, 1999.

SOM13. Biografia Cantor Flávio José Oficial. Disponível em <<https://som13.com.br/cantor-flavio-jose-oficial/biografia>>. Acesso em 29.07.2019.

NEVES, M. H. M. **A Gramática do Português Revelada em Textos**. São Paulo: UNESP, 2018.

ROSA, J. M. da; ARIOLI, C. J.; ABATTI, R.; AGOSTINETTO, L.; BOTTON, M. Polinizadores em perigo: por que nossas abelhas estão desaparecendo? In: IV Simpósio Internacional Ciência, Saúde e Território. Lages-SC, 2017

STRAUBE, F. C.; SERIPIERRI, D. A resenha de Cândido de Figueiredo ao “Nomes de aves em língua Tupi” de Rodolfo Garcia e notas bibliográficas sobre esta obra. **Atualidades Ornitológicas** n.º 135, Janeiro/Fevereiro, 2007.

SIGRIST, T. **Guia de campo da avifauna brasileira**. 4ed. São Paulo: Avis Brasilis, 2014.

SZPILMAN, M. **Tubarões no Brasil: um guia prático de identificação**. Rio de Janeiro: M. Szpilman, 2004.

**Tabela 1** - Animais citados nas letras das músicas do gênero musical forró e suas respectivas pistas taxonômicas.

Classe	Ordem	Familia	Nome popular	Nº de citações
Peixes *	Perciformes	Gerreidae	Carapeba	1
	Characiformes	Characidae	Piaba	2
	Selachimorpha**	Diversas	Turabão	1
	Diversas	Diversas	Peixe	2
Reptilia	Squamata	Teiidae	Calango	1
		Chamaeleonidae	Camaleão	1
		Boidae	Sucuri	1
		Gekkonidae	Lagartixa	1
		Diversas	Cobra	4
Aves	Galliformes	Phasianidae	Galo/galinha	4
			Peru	2
			Codorna	2
	Passeriformes	Vireonidae	Pitiguari	1
		Thraupidae	Canário	2
		Icteridae	Assum Preto	2
		Turdidae	Sabiá	7
	Psittaciformes	Psittacidae	Papagaio	1
	Columbiformes	Columbidae	Periquito	1
			Asa Branca	4
	Falconiformes	Falconidae	Ribaça	1
			Acauã	1
	Anseriformes	Anatidae	Pato	3
	Strigiformes	Strigidae	Coruja	1
	Apodiformes	Trochilidae	Beija-flor	4
Piciformes	Picidae	Pica-pau	1	
Diversas	Diversas	Pássaro	3	
Mammalia	Artiodactyla	Bovidae	Carneiro/ovelha	2
			Bode/cabra	2
			Boi/vaca	21
	Perissodactyla	Equidae	Porco	2
			Mula	2
	Diprotodontia	Macropodidae	Asno/Jumento/Burro	2
			Égua/cavalo	15
	Primates	Cebidae	Canguru	1
	Carnivora	Felidae	Macaco	3
			Gato	5
		Canidae	Leão	1
			Raposa	1
Lobo			1	
Cingulata	Dasypodidae	Cão/cachorro	4	
Rodentia	Caviidae	Tatu	1	
	Muridae	Preá	1	
Insecta	Hymenoptera	Rato	2	
		Apidae	Abelha	1
	Blattodea	Formicidae	Tanajura	1
Chilopoda	Scolopendromorpha	Blattidae	Barata	1
		Scolopendridae	Lacraia	1
			total	124

**Fonte:** Dados de pesquisa (2019)

Contexto	Exemplo de frase	Referência (autoria)
descrição física/ecológica	"Quando o ribaçã de sede Bateu asa e voou Foi aí que eu vim me embora"	Paraíba - Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga (1950)
entretenimento	"Pra ver o meu brejinho Fazer umas caçada Ver as pegá de boi Andar nas vaquejada"	Riacho do navio - Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1955)
metafórico	"Eu sou um lobo solitário Sem razões para sonhar Minha selva é o teu beijo Teu abraço é meu lugar"	Lobo solitário - Joycinha Louise (2006)
pejorativo	"O nego tá muito mudificado Nem parece aquele mulequim que saiu daqui em 1930 Era malero, bochudo, cabeça-de-papagaio, zambeta, feei pa peste!"	Respeita Januário - Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga (1950)
personificação	"Do fundo do meu coração não vivo sem a luz dos olhos dela; Explica tudo direitinho a ela por Deus, meu mensageiro beija-flor."	Mensageiro Beija-flor - Nanado Alves (1996)
transporte	"Já vem montado em seu alazão Chapéu de couro, laço na mão"	Meu vaqueiro meu peão - Rita de Cássia (1993)
alimentação	"Coroné Zeca com muita alegria hoje casa a fia e pra festejá Ta curvindando toda a vizinhança pra encher a pança, beber e dançar Coroné Zeca matou três zebu, muita galinha e muito peru"	O casamento de Rosa - Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1953)
estimação/posse	"Essa véia é minha vida, Vendo não senhor! Essa égua eu não vendo, Não troco, nem dô"	Não vendo nem troco - Luiz Gonzaga e Gonzaguinha (1981)
religioso	"Ai São João, São João do Carneirinho Você é tão bonzinho Fale com São José, fale lá com São José"	São João do Carneirinho - Luiz Gonzaga e Guio de Moraes (1952)
cultural	"Tudo que você criou Que você deixou Inda pedem pra eu cantar Pros cantos que eu vou Asa Branca, Assum Preto, irmão Doutor do Baião"	Doutor do baião - Luiz Gonzaga/J.Silva (1987)

**Quadro 1** - Contexto em que os animais foram citados das letras das canções de forró.

**Fonte:** Dados de pesquisa (2019)